

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
RUA Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.
Tel. (021) 767-0472

Ano 1 Nº 7

Março / 1978.



EDITORIAL

ANISTIA, REVISÃO, PERDÃO, ESQUECIMENTO OU O QUE SEJA

1. Com a parcial abertura política dos últimos tempos começou-se a falar de anistia, de revisão, de perdão para os que nos últimos catorze anos foram atingidos inapelavelmente pelo poder revolucionário. Anistia virou tema, e de per si tema contestatório, pois questiona um aspecto essencial da Revolução: seu Direito, sua Justiça, sua Verdade. Apesar de um senador Eurico / Rezende, líder da maioria arenista no Senado, afirmar ainda recentemente (Jornal do Brasil 25-02-78) que "os atos revolucionários são insusceptíveis de exame por parte do Poder Judiciário", parece que a grita geral, denotando o esboroamento do tabu, encontra alguma receptividade nos mais altos escalões do regime. Mesmo contra a vontade. As injustiças cometidas à sombra da anti-lei, a pretexto de combater subversão e corrupção - ambas de terminadas e declaradas pelos donos do poder, sem habeas-corpus, sem apelação, sem defesa - as injustiças que nos atingiram ou ameaçaram ao longo destes catorze anos exigem reparação. Sobre tudo quando sabemos que atingiram brasileiros de extraordinário valor moral, cultural e cívico e mesmo cidadãos inocentes.
2. Esta reparação tem sido chamada de anistia, de revisão, de perdão. A arbitrariedade dos atos revolucionários, a margem do Direito objetivo, faz difícil ou impossível caracterizar as punições e por isso também o ato reparatório. Também há os donos do poder que, embriagados da nova ordem, cometeram e fizeram cometer ou tramaram injustiças tremendas (cf episódio Para-Sar, narrado em VEJA, 22-02-78). Deverão ser incluídos no grande / perdão? Em seu discurso de lançamento do Comitê Brasileiro pela Anistia (ABI, 14-02-78) o General Pery Constant Bevilacqua simplificou a problemática jurídica, postulando "anistia ampla, geral, irrestritiva e recíproca". Não será por razões de fórmula que se deixará tudo como está: a ferida sangrando e doendo no coração do Brasil. Confiamos nos juristas brasileiros.
3. Os juristas desempenharão o seu papel, procurando e descobrindo a fórmula, de acordo com a situação concreta do Brasil. Foram juristas como Carlos Medeiros e Silva, como Gama e Silva e outros que instauraram e justificaram a ordem jurídica revolucionária com seu Direito, sua Justiça, sua Verdade. Cabe agora a juristas sensíveis ao problema da reparação e da reconcilia -

ção nacional encontrar a fórmula jurídica que permita reparar / definitivamente a quebra da verdadeira ordem jurídica em nossa / Pátria. Porque de fato é isto que está em jogo. Estamos cansados de viver expostos ao arbítrio de atos institucionais que se sobrepõem à lei básica do país e, a pretexto de segurança do regime, causam insegurança aos cidadãos. Estamos cansados de viver à margem.

Assim como houve juristas que, para servir a Revolução, não hesitaram violar a ordem jurídica objetiva e a ordem constitucional, assim deve haver, com muito mais razão, juristas que do arsenal do Direito, da Justiça, da Verdade tirem as armas que permitam reparar as injustiças cometidas contra determinados cidadãos e sobretudo contra o povo brasileiro.

4. Porque é isto o que está em questão. Ao longo de catorze anos um Direito de execução perturbou a vida nacional. Isto precisa ser reparado. Para nós cristãos vale na comunidade o que vale na pessoa. Assim como eu posso cometer um "pecado", também o regime político e econômico estão em condições de pecar. E pecam. Infelizmente o pecado social é muito menos sentido, embora seja muito mais grave. Esperamos que um Governo que se vê numa encruzilhada, que procura novos rumos para o impasse, saiba incentivar e apoiar a fórmula de reparação para os "pecados" regiminais (do regime) cometidos nos últimos catorze anos.

Todo pecado exige reparação e reconciliação. Para a nossa Pátria desejamos uma ordem jurídica que se baseie no Direito, na Justiça, na Verdade como tais, uma ordem jurídica objetiva e sólida que garanta os mesmos direitos e deveres fundamentais para o santo e para o pecador, para o militar e para o civil, para o forte e para o fraco, para o partido do Governo e para a oposição.

Está na hora de voltarmos corajosa e alegremente à plenitude do Estado de Direito.

Nova Iguaçu, 27 de fevereiro de 1978.

+ Dom Adriano.

criação da comissão diocesana justiça e paz

A Comissão Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu foi oficialmente lançada no dia 12 de fevereiro de 1978, em assembléia realizada no Centro de Formação, em Moquetã. A assembléia foi presidida por D. Adriano Hipólito e teve como convidado especial o Dr. Hélio Bicudo, Procurador da Justiça e membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. O Dr. Paulo Amaral saudou o convidado, mostrando que o Dr. Bicudo se destacou por sua luta corajosa e incansável contra o "Esquadrão da Morte", tendo publicado em 1976 a livro Meu Depoimento sobre o Esquadrão da Morte. Em sua palestra, o Dr. Hélio Bicudo chamou a atenção para a situação atual dos direitos humanos no Brasil. Mostrou que ela não se modificou muito nos últimos anos: os trabalhadores continuam com baixos salários, sem participar da distribuição da renda do país; a repressão policial continua a se fazer sentir no movimento estudantil e em muitos outros setores da sociedade; o regime permanece autoritário, sem que o povo possa dizer sua palavra, sem que possa eleger seus representantes; são inúmeros os presos políticos, os cassados, os exilados do país.

O Dr. Bicudo insistiu em que, apesar das dificuldades, se queremos chegar à democracia, é preciso lutar: porque a liberdade não se ganha, a liberdade se conquista. Terminada a palestra, o Dr. Hélio Bicudo respondeu a várias perguntas feitas pelos assistentes, e assembléia foi encerrada pelo bispo diocesano.

Foi no Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1965, que foi sugerida a criação de uma Comissão da Igreja que se ocupasse especialmente das injustiças que ocorrem no mundo. Os bispos do mundo inteiro estavam preocupados com a situação de pobreza e miséria em que vive a grande maioria dos homens: os cristãos precisavam tomar consciência desta situação de grave injustiça, precisavam agir para mudar a realidade. Era preciso chamar a atenção para as violações dos direitos humanos como as prisões arbitrárias, as torturas, a exploração do trabalho, a marginalização dos trabalhadores. Em janeiro de 1967, o Papa Paulo VI criou a Comissão Pontifícia Justiça e Paz, com sede em Roma. Pouco depois, ele lançava a encíclica "Populorum Progressio" (O Progresso dos Povos), um dos mais importantes documentos da Igreja sobre as questões sociais. Esta encíclica condena todas as formas de opressão e de exploração dos homens e apela a todos para lutar contra estes males. A primeira tarefa da Comissão foi divulgar os ensinamentos contidos nas encíclicas e procurar fazer com que eles fôssem postos em prática.

Nos anos seguintes foram criadas Comissões Justiça e Paz em cada país, em algumas regiões e em algumas dioceses. No Brasil, a que mais se tem destacado é a Comissão Justiça e Paz de São Paulo. Ela tem se manifestado em várias ocasiões, denunciando violações dos direitos humanos, apontando injustiças, tomando posição diante de casos de perseguição, demonstrando sua solidariedade aos que são perseguidos por estarem lutando pela justiça.

Os objetivos da Comissão Justiça e Paz são:

- Levar os cristãos e todos os homens a tomar consciência dos problemas sociais, de modo que assumam sua responsabilidade e se comprometam na construção de um mundo mais justo e mais humano.
- Defender os direitos humanos. Para isso, deve denunciar os fatos em que houver desrespeito a estes direitos. A denúncia não deverá ficar na superfície, mas buscar as causas de tais fatos. A Comissão deve manifestar sua solidariedade com todos aqueles que sofrem violações de seus direitos. Assim sendo, a Comissão deve estar sempre do lado dos injustiçados, dos oprimidos, dos perseguidos, dos marginalizados, dos explorados.
- Estimular, apoiar, orientar todo esforço ou iniciativa por parte dos que sofrem injustiças para se libertarem desta situação. A Comissão não pretende substituir a ação das pessoas; sua função é motivar os injustiçados para que eles próprios ajam, e apoiá-los.
- Incentivar a busca de estruturas sociais, econômicas e políticas mais justas e mais humanas. Para isso deve chamar a atenção para as injustiças existentes, de modo que as pessoas tomem consciência da realidade e decidam-se a agir.

Lutar pela Justiça e pela Paz não é missão apenas de uma Comissão, mas é missão de todo cristão e de todo homem de boa vontade. Assim, a Comissão Justiça e Paz só exercerá bem seu papel na medida em que todos tomem consciência das situações de injustiça, e reajam contra tais situações.

Portanto, todo aquele que conhecer casos em que há des

respeito aos direitos humanos deve procurar descobrir o melhor modo de agir diante destes casos; deve procurar refletir com outros sobre a situação; deve procurar chamar a atenção de outros para o problema; deve, também, encaminhar o relato do caso à Comissão Justiça e Paz.

A luta pela Justiça deve ser um trabalho de cada um, de cada grupo, de cada comunidade, de todos, juntamente com a Comissão Justiça e Paz.

É no esforço de união na luta pela Justiça que se conseguirá alcançar a Paz.



A HISTÓRIA DOZÉ MARMITA.

Capítulo 2.

Como vimos no 1º capítulo, Zé marmita de tanto fazer hora extra acabou acamado e depois de muita luta conseguiu 2 dias 7 de licença. No fundo, no fundo, a sua doença era pura fadiga e fraqueza.

Como todo trabalhador, Zé Marmita, mesmo nas piores situações, ainda conseguiu tirar proveito da sua doença. Mesma acamado, com febre alta ele pensou: "Só assim vou poder estar mais perto da família e ver como é que funciona minha própria casa".

A casa de Zé Marmita tem 3 cômodos. Uma sala, um quarto, a cozinha e banheiro. Quando a construiu, Zé Marmita pensava em aumentá-la depois. Mas já faz 20 anos que casou e cada ano fica mais difícil.

Na casa vivem 7 pessoas. Zé Marmita e Maria Marmita, aliás, o nome todo do Zé Marmita é José de Oliveira Marmita, mas ele só é chamado por Zé Marmita. Seus 5 filhos são: Paulo, com 17 anos, trabalha de biscate por causa da idade, próximo ano estará servindo ao exército e por isso não consegue emprego fixo. Lena tem 15 anos, estuda e pensa ser um dia professora. Ajuda em casa tomando conta da menor e ainda ajuda sua mãe na cozinha. Altamir tem 13 anos, é um capeta, vive na rua soltando pipa, mas estuda, quando não está fazendo gazeta. Severino tem 11 anos e também está no colégio. Quando precisa de uns trocados ele pega seu caixotinho e vai pra rua engraxar sapatos. Finalmente vem a nenem ou melhor, Celinha com 6 anos.

Na pequena casa, Zé Marmita tem que ficar descansando. Como era de se esperar, a primeira noite de sua doença foi com muita febre e por isso dormiu péssimamente. Pela manhã, Maria Marmita acordou cedo e mandou que todos fizessem o mínimo de barulho para deixar o velho dormindo. Mandou logo Altamir comprar 7 pão e leite na padaria próxima à casa. Preparou o café e dividiu as 2 bisnagas entre os 5 filhos e guardou um pedaço pro marido. Mandou Altamir, Lena e Severino para a escola e foi ter uma conversa séria com Paulo Marmita.

"-Ei Paulo, o que é que você ainda está fazendo em casa? Qual é a desculpa hoje pra ficar aí em casa vagabundando? Seu pai precisa é lhe dar uma surra pra você deixar de ser mole. Seu pai

dá um duro danado, está aí doente de tanto trabalhar e você aí que rendo moleza? Você precisa deixar de ser moleque de rua, andando aí com esses maus elementos. Se duvidar são todos maconheiros, de via estar tudo na cadeia. Lá sim é que é lugar prá essa gente. Vá já sair e procurar serviço e se até à noite não tiver arranjado nada, pode ficar na rua. Lá sim que é lugar de marginal".

Paulo Marmita não deixou nem a mãe acabar de falar e já foi saindo. Estava com uma mistura de raiva, tristeza, mágoa e sei lá mais o que. Tinha vontade de chorar e ao mesmo tempo de chingar. Sentia-se profundamente injustiçado. Parecia que seus pais não queriam entendê-lo. Tava indo bem num serviço que arranjara numa firma. Ganhava pouco é verdade, mas tava se firmando. Foi quando lhe chamaram para assinar a carteira e quando viram sua idade, desconversaram e na semana seguinte mandaram ele embora. Ele tentou explicar em casa mas sua mãe nem deu muitos ouvidos. Paulo foi caminhando e aos poucos a raiva se foi e ficou nos seus ouvidos a frase de sua mãe chamando-o de vagabundo.

Enquanto isso em casa, Maria explicava o caso a seu marido e disse: "olha Zê, se a gente não der em cima desse menino ele vai ser um vagabundo, um marginal!!!".

Zê Marmita tentou acalmar sua mulher dizendo que o Paulo era um bom rapaz, e disse: "No fundo, embora eu não diga a ele, acho que ele tá com razão. Por causa de servir ano que vem ao exército, as firmas não dão a carteira, e esse negócio de trabalhar sem carteira assinada é um absurdo, mas o que é que podemos fazer?"

Paulo Marmita passou o dia todo procurando um serviço / até que no final do dia arranjou um biscate numa construção que estavam levantando no bairro vizinho ao seu. Começa neste serviço 7 no dia seguinte cedo. Ficou todo satisfeito principalmente porque acordando cedo não precisaria tomar condução e com isso economizaria alguns trocados.

Antes de voltar prá casa, resolveu encontrar com sua turma, o pessoal amigo do bairro. Encontrou quase todos na praça batendo papo. Tava o Chiquinho, Manuel, Olavo, enfim, era uma turma boa. Quando se aproximou do grupo, Paulo Marmita foi logo sacando que tinha algum problema, pois Olavo estava muito esquentado, doido de raiva.

"Que foi que houve?" - perguntou Paulo Marmita. Olavo contou que tinha ido ver a Rita, sua namorada, e o pai dela tava em casa. Aí o pai perguntou a ele se ele tava namorando com a fi-

lha dele, no que Olavo respondeu afirmativamente. Perguntou também se Olavo trabalhava, no que este respondeu que fazia uns biscates e que por causa da idade não conseguia emprego fixo com carteira/assinada, porque ia servir ao exército no próximo ano.

Olavo estava exaltado. Sabe o que ele disse? Falou / que não queria sua filha namorando com vagabundo porque ela era moça direita e sô interessava namorar com quem tivesse trabalho / certo, que pudesse garantir o futuro da jovem. Ainda acrescentou dizendo prá não procurar mais a Rita.

- "Voces me conhecem", dizia Olavo, "e sabem muito bem que se não tenho emprego fixo a culpa não é minha. Não há patrão que queira um cara na minha idade. Eles aceitam por dois meses / pagando mal e depois põem a gente prá fora".

Paulo entrou na conversa, contou seu problema em casa e disse que precisavam fazer alguma coisa. "Ou eles mudam a opinião que têm sobre nós e nos tratam diferente ou vamos logo ser vagabundos mesmo", disse Paulo.

Chiquinho entrou na discussão e disse: "a gente tem / que se unir, pensar alguma coisa que convença os velhos de que não somos vagabundos. Que tal a gente chamar toda a moçada para um papo? Aí a gente pensa no que fazer. Aqui, agora, a gente / não vai conseguir pensar nada, tá todo mundo de cuca quente".

Todos concordaram e marcaram o papo prá dali a 15 dias e ficou cada um com a tarefa de convocar os amigos.

Obs.: A história de Zê Marmitta continua no próximo número do nosso INFORMATIVO. Aguardem!



LANÇAMENTO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A Campanha da Fraternidade foi lançada em Nova Iguaçu no domingo 12 de fevereiro. A missa, iniciada pouco depois das 16 horas, durou cerca de hora e meia. Dom Adriano Hipólito foi auxiliado por 21 padres, representantes das paróquias da região.

No início da celebração, um dos padres explicou o sentido da missa, que abriu oficialmente a Campanha da Fraternidade. Ele esclareceu também o significado do símbolo da Campanha que representa a divisão fraterna das riquezas que o trabalho gerou. Em várias etapas da missa foram incluídos trechos que falam da opressão ao operário: "Chamas por Deus, mas oprimes o operário, que tem direito a bom trabalho e bom salário", diziam os versos de um cântico.

Na Oração dos Fiéis, as 1.500 pessoas presentes pediram "para que a Igreja, sobretudo por meio dos operários cristãos, torne o Evangelho presente no mundo do trabalho, para denunciar a exploração".

A História, disse D. Adriano, "são os homens que a fazem, não a força cega que nos esmaga". Afirmando aos fiéis que "somos o sinal da esperança de Cristo", o Bispo de Nova Iguaçu convidou a todos para que "com esse espírito de alegria e esperança" cantassem o Hino Nacional, que finalizou a celebração.

Após a leitura do Evangelho de Mateus, Severino, operário metalúrgico, falou que "o tema da Campanha se identifica muito com nossa preocupação como trabalhadores e com os problemas que enfrentamos com as autoridades e a justiça do trabalho". Lembrou também exemplos de colegas como Pedro, "que passou a noite inteira na frente de uma delegacia para conseguir um documento para trabalhar", e de Walter, que depois de 25 anos de trabalho foi despedido porque ficou doente". Terminou dizendo que "Cristão é aquele que discute os problemas do dia a dia das fábricas e das conduções".

Depois do metalúrgico, tomou a palavra o Procurador Hélio Bicudo, conhecido pela luta que travou contra o Esquadrão da Morte. Aqui vai a íntegra de seu pronunciamento:

Estamos aqui reunidos, homens e mulheres desta diocese, no primeiro domingo do tempo da Quaresma, para prosseguir a impul

sionar - procurando, com isso, levedar a comunidade toda - a Campanha da Fraternidade, cujo tema "trabalho e justiça para todos" é, particularmente, atual e significativa nos dias difíceis e tumultuosos em que vivemos.

"Trabalho e Justiça para todos" quer dizer, como acentuou o nosso Papa Paulo VI, em sua última mensagem aos brasileiros, participação, partilha fraterna dentro de um contexto de amor, capaz de levar a um mundo mais humano e conforme os desígnios do Criador.

O mote da Campanha da Fraternidade é mais do que um mero tema, é um brado de cento e dez milhões de brasileiros, a clamar pelo direito de uma verdadeira participação na vida nacional, direito que lhes vem sendo sistematicamente negado, pela marginalização a que estamos sujeitos há tanto tempo.

"Trabalho e Justiça para todos" não pode ser encontrado num regime autoritário, no qual apenas uns poucos decidem e a quasi totalidade do povo obedece.

Para que haja trabalho não basta que se deixe o homem / mourejar dia e noite em busca de uma migalha de pão. O trabalho / seja braçal, seja intelectual - é o responsável pela grandeza de uma Nação. E, de tal sorte, não pode ser negado ou se apresentar desfigurado, como hoje acontece, sob as formas do subemprego, vendido e vilipendiado, suficiente, quando o é, apenas, para conter os anseios maiores da fome.

Trabalho importa em remuneração condigna. Em dividir a riqueza de maneira equânime, de tal sorte que cada um de nós possa viver com dignidade. E semelhante conclusão - que é uma conclusão de justiça - é, por si só, chocante, pois, se olharmos em nosso derredor, iremos constatar o grande número de brasileiros, dos quais é negado o direito de trabalhar, e, como consequência, o direito de viver. Abandonados e depois injustiçados, caçados / pela arbitrariedade dos poderosos, essa imensa população marginal não conhece a vida na sua plenitude de amor.

E mesmo aqueles que desempenham alguma atividade, não encontram Justiça na contrapartilha, porque a sua força de trabalho é objeto de transação, com ela se locupletando, em última análise, mediante a manutenção de um sistema social injusto, os detentores do Poder político.

Hoje, no Brasil, podemos afirmar sem receio de errar ,

trabalham uns poucos e menos, ainda, teem Justiça.

Se o trabalho, para ser justo, há de recompensar o trabalhador, tornando-o partícipe da renda nacional, a Justiça, para ser justa não pode advir do processo de prepotência a que estamos submetidos, enredados em teias de mentiras e engodos, a tentar de monstrar, dentre outras negativas, que não podemos participar, se quer, da escolha dos dirigentes do País, porque, para isso, não estamos preparados: eterna justificativa para a permanência dos regimes totalitários.

Ora, estou convencido de que o desenvolvimento harmônico do Brasil somente poderá ser encontrado na prática da democracia, que não se compadece com qualificativos, porquanto democracia é democracia ou não o é. Democracia é como a honra: ou existe em sua plenitude, ou não existe.

Trabalho e Justiça, sinônimos da Paz, só podem ser encontrados numa democracia, onde se respeitem os direitos do homem, direitos que não são outorgados pelos detentores do Poder, mas que são inerentes à pessoa, porque nasceram com ela e nela devem ser preservados.

Direitos que não precisam ser reconhecidos, sequer, pela lei, ainda mais, num País onde a lei, absolutamente, não exprime o consentimento do povo, onde são as minorias, as oligarquias/ mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitáveis, quando não um homem só, as que põem e dispõem, as que mandam e desmandam em tudo.

"Trabalho e Justiça para todos". Se cada um de nós auscultar a sua consciência, certo que tremerá da perspectiva.

Não importa - e as palavras vamos buscar em Ruy Barbosa - o tremer é próprio dos que se defrontam com as grandes vocações. O tremer, mas não o descoroçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiamos todos. Ousemos. Reajamos. E haveremos de ser bem sucedidos.

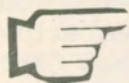
Idealismo? Não: experiência da vida. Experimentemos / essas forças, que nós as temos: ousar, confiar, reagir. Poderá / ser que resignemos certas situações. Mas, meramente para variar de posto, e, nos sentimos incapazes, buscar outros, onde nos venha ao encontro o dever, que a Providência nos tenha reservado.

Tenho afirmado e peço a permissão para repetir, ainda uma vez, nesta Casa de Oração: sem respeito à pessoa humana, que vemos, no Brasil, esquecida e espesinhada, jamais poderemos atingir o ideal de Justiça, que é o pressuposto da Paz, objetivo último da humanidade inteira, para que, através de seus caminhos, possa preparar-se - no trabalho de todos os dias - para seu encontro com Deus.

() () () ()



===== N O T I C I A S =====
=====



O porta-voz da Presidência da República, Coronel Toledo de Camargo, afirmou que o slogan da Campanha da Fraternidade, "Trabalho e Justiça para todos", identifica-se com os objetivos do Governo de dar condições humanas e trabalho para todos.



O presidente da CNBB, D. Aloísio Lorscheider, distribuiu nota para desmentir informações de que teria, em nome do Papa, aconselhado o Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara, a evitar suas frequentes viagens ao exterior.



O secretário Geral da CNBB, D. Ivo Lorscheider, ao comentar o tema da Campanha da Fraternidade, que a necessidade de justiça torna-se mais insistente no mundo do trabalho, onde se trata de estabelecer adequadas relações/entre o trabalho e o capital, devendo o capital ficar sempre à serviço de pessoas e não vice-versa.



Durante 2 dias, o Presidente da CNBB manterá contatos com o presidente e secretário da Comissão Internacional de Justiça e Paz, cardeal Bernardin Cantin. Prevendo o interesse do Presidente da Comissão Internacional pelo problema dos exilados brasileiros, o Cardeal Aloísio Lorscheider solicitou à comissão paulista o relatório/com os dados que estimam em 10 mil o número de brasileiros no exterior, com dificuldades de obter passaportes.



Igrejas em todo o País denunciam a injustiça social:

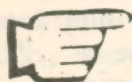
As pregações em todas as Igrejas denunciarão a "justiça social institucionalizada" como uma das causas das deformações no mundo do trabalho e incluirão exemplos/concretos e locais sobre situações consideradas injustas.



Oposição sindical: O Sr. Luiz Inácio da Silva foi recebido no dia 25 de fevereiro para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo com 90% dos votos.

O Sindicato resolveu não mais participar de dissídios coletivos, passando de agora em diante a manter livre diálogo com as empresas para decidir a respeito de reajustes salariais.

EEEEEE



O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, que defende o diálogo com os patrões, foi expulso na última assembléia geral da classe por 500 metalúrgicos que o acusaram de pelego.

EEEEEE



Depois de muita luta e vários tipos de pressão, a chapa da oposição do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, vai assumir a direção do Sindicato no dia 4 de março / de 1978.

EEEEEE

EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE

EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE



A BÍBLIA E O TRABALHO

No **INFORMATIVO** - Nº 6 abordamos a visão que o Antigo Testamento nos dá sobre o trabalho. Neste número trataremos do "Novo Testamento e o trabalho".

JESUS CRISTO

Antes de começar é bom nos lembrar como o Antigo Testamento encarava o trabalho, porque é justamente neste contexto que Jesus Cristo nasceu dentro de uma família operária. O fato de o "Filho de Deus" nascer e crescer dentro de uma família operária - que vivia marginalizada dentro de um povo oprimido e explorado pelo imperialismo romano - já é muito significativo. Jesus, como filho de carpinteiro, trabalhava com as mãos, produzindo utilidades domésticas. Além disso - provavelmente, como todo pequeno artesão da Palestina de então - Jesus também cultivou um pedaço de terra para dispor de alguns produtos alimentícios básicos: uma pequena horta, aves e cabritos. Neste sentido o trabalho é engrandecido pelo exemplo de Jesus, Filho de Deus feito homem, e adquire uma nobreza particular.

Na pregação de Jesus, aparecem à primeira vista duas visões contraditórias sobre o trabalho. De um lado Jesus ignora aparentemente a importância do trabalho:

"Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam provisões nos celeiros. E contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não sois vós muito mais do que elas? E quem de vós, por muito que pense, pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que andais preocupado com o vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo. E no entanto eles não trabalham nem fiam" (Mt.6,26-28).

De outro lado toda a sua pregação está ligada ao mundo do trabalho:

1. as parábolas do "bom pastor" (Jo.10,1), do "semeador" ... (Mc.4,3), do "vinhateiro" (Jo.15,1), etc...
2. Jesus apresenta o apostolado como trabalho da "ceifa" ... (Mt.9,37; Jo.4,38) ou da "pesca" (Mt.4,19).
3. Jesus vê as pessoas trabalhando: o lavrador em seu campo (Lc.9,62), a dona de casa com sua vassoura (Lc.15,8), etc.

4. Jesus foi buscar os apóstolos no meio de pescadores e de trabalhadores (Mt.4,18 e 21).

Essa pouca importância por um lado, e por outro essa valorização que Jesus dá ao trabalho na sua pregação, não são dados contraditórios, mas sim, duas maneiras de apresentar a sua mensagem principal: "Trabalhai, não pelo alimento perecível, mas por um alimento que permanece para a vida eterna" (Jo.6,27). Jesus Cristo vem anunciar o Reino de Deus; não tem outra missão, nem fala de outra coisa, porque o "Reino importa acima de tudo" (Mt.6,33). O resto, comer, beber, vestir-se, não é destituído de importância, mas "quem com isto se preocupa a ponto de perder o Reino perdeu tudo, mesmo que tivesse conquistado o universo" (Lc.9,25).

Em vista de sua lei de amor (Jo.13,34 : "Assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros"). Jesus quer colocar as pessoas em primeiro lugar. Como "o sábio foi feito para o homem" (Mc.2,27) assim também o trabalho tem que estar a serviço do homem. O destino do homem não é a escravidão, mas a libertação pelo trabalho, / pela luta e pela graça de Deus.

SÃO PAULO

O apóstolo São Paulo foi o primeiro missionário da Igreja e por isso também o primeiro teólogo. Entrando em contato com as outras culturas (grega e romana) ele foi questionado na sua fé e obrigado a pensar sobre a sua própria vida.

Os dominadores do mundo (os romanos naquela época) consideravam desprezível qualquer trabalho físico. O que importava era a elevação do espírito. Trabalho físico era indigno do homem livre e tinha que ser feito por escravo ou animal. Segundo eles, o trabalho físico exercia necessariamente uma influência negativa sobre o espírito.

Diante disto, São Paulo foi pensar sobre o sentido cristão do trabalho e tentou fazer uma síntese do Antigo e Novo Testamento. Se Javê-Deus deu a Adão (o homem em geral) a missão de dominar o mundo e esse não o conseguiu por causa do pecado, então Deus também mandou o Novo Adão (o novo homem = Jesus Cristo) para possibilitar à humanidade de vencer o pecado e de cumprir esta vocação de dominar o mundo. Os homens só conseguirão dominar o mundo se eles se unirem em Jesus Cristo. "Passa a figura deste mundo" (1 Cor.7,31) só conta o que "une com o Senhor, sem partilha" ... (1 Cor. 7,35). Quer dizer: é preciso trabalhar, mas unidos por e

em Jesus Cristo.

Indicando esta vocação dos filhos de Deus, São Paulo mostra toda a dignidade do homem e do trabalho que está à serviço do mesmo. Ao mesmo tempo ele chama a nossa atenção dando ao trabalho a dimensão de caridade e fundamentando as revelações do trabalho .. (p.ex. patrão - empregado) no princípio novo da fraternidade em Cristo.

São Paulo compara ainda a transformação do mundo a um "parto universal" (Rom.8,22). Deste mundo inacabado, defeituoso, cheio de problemas e de misérias deve nascer um mundo novo, um mundo animado pelo Espírito de Deus, mundo cujo chefe será Cristo. Este parto dependerá também do esforço dos homens.

Conforme a doutrina de São Paulo, o trabalho empreendido dentro do princípio da fraternidade em Cristo (o amor) é causa de humanização, causa de libertação.

Quando e como chegaremos a esta libertação plena? A resposta de São Paulo: "no fim do mundo o Senhor voltará e sua glória de ressuscitado revestirá todos os seus eleitos; a dominação do universo pela humanidade será plenamente realizada por Ele e Nele , sem entrave de pecado, de morte ou de sofrimento".

Conclusão: planejando e trabalhando só entre nós, homens , não chegaremos nunca à dominação do mundo; só chegaremos lá com a ajuda de Deus e a volta de Jesus. Mas isso não exclui o nosso próprio esforço. São Paulo aconselha:

"Mantenha-se longe de qualquer irmão que vive na preguiça sob o pretexto de que o fim do mundo está próximo" (2 Tes. 3,6).

Nota final: São Paulo trabalhava na fabricação de velas de barco.

=====
=====

*

DEPARTAMENTO DE CATEQUESE

*

*

Previsões de Cursos e Encontros - 1º Semestre - 78.

- 1) CURSO PERMANETE para aprofundar os conhecimentos de Catequistas experientes, para formar Coordenadoras de Catequese, para Líderes de Comunidades e Agentes de Pastoral:

- * quintas-feiras - de 14 às 17,30 horas -
- * início 6 de abril - término 16 de novembro
- * de abril a junho - de agosto a novembro.

- 2) ENCONTRO DE PASTORAL DE BATISMO, para reciclagem dos atuais responsáveis, para formar novos responsáveis:

- * em tres 3^{as} feiras consecutivas
- * dias 4, 11 e 18 de abril
- * horário de 14,00 às 17,30 hs.

- 3) ENCONTRO SOBRE CATEQUESE DE PERSEVERANÇA para catequistas com experiência ou que pretendam assumir esse tipo de catequese:

- * em cinco 3^{as} feiras consecutivas
- * dias 2, 9, 16, 23 e 30 de maio
- * horário de 14,00 às 17,30 hs.

LOCAL: CEPAC - Capitão Chaves, 60 - Fone: 767-0472
26.000 - Nova Iguaçu - RJ.

Informações e inscrições sobre o Curso e Encontros no endereço acima ou com Clara Coca, na Catedral.

*

*

*

*

*

*

PASTORAL DA JUVENTUDE

A equipe Lassarista de Catequese (Porto Alegre, RS) acaba de lançar tres livros para o Ensino Religioso do 2º grau. Os livros apresentam-se na forma de roteiros de caminhada, ficando as exposições reduzidas ao necessário. A tarefa proposta ao educador é sobretudo a de orientar a participação do jovem, cuja ação é constante, através da pesquisa, reflexão e diálogo. A dinâmica dos encontros é bem variada.

Os roteiros são basicamente para o Ensino Religioso, mas podem, no entanto, ser utilizados, com muito proveito, em todos os trabalhos com a juventude: encontro de jovens, jornadas, dias de estudo, etc...

Seguem aqui os títulos com alguns dos assuntos tratados:

- O HOMEM QUE CAMINHA EM BUSCA DE SI MESMO, Ed. Vozes 1978...
(1ª Série - 2º grau) (Cr\$30,00)
 - = Descubro as dimensões do homem
 - = Construo a felicidade com os outros
 - = A medida que sou mais consciente, sou mais pessoa
 - e mais 21 outros assuntos e 4 celebrações.
- O HOMEM QUE CAMINHA EM BUSCA DO OUTRO, Ed. Vozes 1978 (Cr\$35,00)
(2ª Série - 2º grau)
 - = Descobrimos o mistério do outro
 - = Todos nós somos Igreja
 - = Nem pobres, nem ricos, mas promotores da justiça
 - e mais 19 encontros e 4 celebrações
- O HOMEM QUE CAMINHA EM BUSCA DO MUNDO NOVO, Ed. Vozes 1978 ...
(3ª Série - 2º grau) (Cr\$40,00)
 - = Fraternidade cristã, um desafio para nós
 - = Nosso irmão operário constrói nosso conforto sem desfrutá-lo
 - = Nossa mesa depende de nosso irmão agricultor
 - = Nosso irmão marginalizado quer participar
 - = Qualquer ação nossa tem dimensão política
 - = O homem da Esperança arregaça as mangas
 - e mais 19 outros assuntos e 4 celebrações.

Os livros acima podem ser encontrados no:

CEPAC

Rua Capitão Chaves, 60

26.000 - Nova Iguaçu, R.J.